

Gustavo Loyola defende o real

MARIO ANDRADA E SILVA

Correspondente

MIAMI - No segundo dia de debates da 31ª assembléia anual da Felaban, Federação Latino Americana de Bancos, surgiram os defensores da política econômica do governo brasileiro. Depois de ter sido atacada pelo economista Rudiger Dornbusch, a honra do governo foi salva pelo ex-presidente do Banco Central, Gustavo Loyola e pelo presidente do Banco BBA Creditanstalt, Fernão Carlos Botelho Bracher. Considerando-se que o discurso do presidente do BankBoston, Henrique de Campos Meirelles, também foi favorável ao governo, o placar de opiniões sobre o governo brasileiro está 3 a 1 na Felaban.

Âncora - O principal argumento de Dornbusch atinge a âncora do plano real. O economista do Massachusetts Institute of Technology (MIT) diz que o governo precisa urgente "depreciar" a moeda brasileira em 15%. Gustavo Loyola, ex-presidente do Banco Central falou na Felaban com a vantagem de já ter lido os argumentos do rival na mídia brasileira. Seu discurso pareceu organizado como uma réplica acadêmica à fala do americano. "A taxa de câmbio é a âncora do Plano Real. Uma desvalorização da moeda pode cortar o processo de estabilização econômica. Muitos tratam o nosso regime cambial como algo fixo. Nossa política cambial é flexível e existe uma movi-

mento gradual de desvalorização da moeda.", disse Loyola lembrando de passagem que os argumentos de Dornbusch traduzem uma "visão simplista" da economia do Brasil. Loyola fez questão de dizer aos jornalistas que as medidas adotadas servem para garantir que "a desvalorização não ocorrerá."

Bracher seguiu quase na mesma linha. "No momento o mais importante é mostrar a capacidade do governo de controle. Primeiro devemos esperar a crise passar para depois fazer as contas e ver qual ajuste é necessário.", disse o banqueiro. Vale notar porém que ao receber uma pergunta direta sobre a "depreciação" sugerida por Dornbusch, Bracher guardou um longo silêncio e sorriu como se estivesse concordando.

Falando em números, Loyola e Bracher ficaram próximos. O presidente do BBA prevê uma desvalorização real da moeda brasileira em 98 da ordem dos 7,5%. Prevê ainda uma inflação de 3% ao ano. Ele acredita que pelo menos 88% do déficit em conta corrente será coberto por investimentos externos. Segundo o banqueiro a "redução da atividade econômica", eufemismo de banqueiros e economistas para o palavrão recessão, será muito forte no primeiro semestre de 98 e que no total, o Brasil só deverá crescer 1,5% no ano que vem.

Pacote amargo - Loyola citou os seguintes números na sua lista de previsões. Disse que o déficit do se-

tor público deverá seguir ao nível de 3,5% a 3,7% do PIB e a redução da atividade econômica será de algo entre 1% e 2%.

Bracher elogiou a coragem do presidente Fernando Henrique Cardoso em desacelerar a economia às vésperas de ano eleitoral. "O presidente Fernando Henrique Cardoso já tinha mostrado um imensa coragem ao lançar o plano real em um ano eleitoral e com um presidente como o Itamar Franco. Agora ele repete o gesto lançando um pacote amargo próximo do período em que vai lutar por sua reeleição", disse ele.

Bracher acha que a atual crise afetou o Brasil por uma questão de preconceito dos investidores. "Estamos todos rotulados como mercados emergentes. Os países da Ásia tiveram problemas e os investidores logo acharam que o Brasil passaria pelas mesmas dificuldades. Por isso a crise chegou".

Os dois concordam em dizer que a longo prazo não há motivos para preocupação. "O Brasil não oferece risco sistêmico", diz Loyola. "Estamos fazendo a nossa lição de casa há muitos anos e por isso a crise não foi mais grave. Nem teríamos sido afetados pela crise se as reformas, fiscal, administrativa e da Previdência já tivessem sido concluídas. Acho que os responsáveis pelo atraso destas reformas precisam agora botar a mão na consciência.", falou Bracher com o óbvio cuidado de não citar nomes.